HARVARD Dataverse

Mai/2020

SOLIDÃO E AFIRMAÇÃO DA VIDA: UM ESTUDO A PARTIR DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Mauricio Bueno da Rosa
mauriciobueno7@hotmail.com
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo
O objetivo deste artigo é tratar da noção de solidão a partir dos escritos de Nietzsche, sendo que nestes textos essa noção não aparece estritamente como algo pejorativo, por indicar, da mesma forma que a condição gregária no processo de subsistência no interior da comunidade. A noção de solidão nos escritos Nietzsche aparece como algo muito mais perigoso do que um mero nome que utilizamos para classificar certo estado de espírito. Seria entendida como um método para a afirmação da vida, aparecendo nos escritos de Nietzsche como resultado da contraposição à cristalização pretendida pela metafísica. O autor se distancia de qualquer intenção de melhoramento moral, direcionando sua reflexão para um individualismo radical. Podemos perceber que a noção de solidão aparece nos escritos de Nietzsche relacionada a um movimento de contraposição à dependência mútua do componente social, sobretudo ao estabelecer uma reflexão que põe em xeque os fundamentos da moral.
Palavras-chave: Nietzsche. Solidão. Filosofia. Reflexão. Moral.

Abstract
The objective of this article is to deal with the notion of loneliness from Nietzsche's writings, and in these texts this notion does not appear strictly as something pejorative, as it indicates, in the same way as the gregarious condition in the subsistence process within the community. The notion of loneliness in Nietzsche's writings appears as something far more dangerous than a mere name that we use to classify a certain state of mind. It would be understood as a method for the affirmation of life, appearing in Nietzsche's writings as a result of the opposition to the crystallization intended by metaphysics. The author distances himself from any intention of moral improvement, directing his reflection towards radical individualism. We can see that the notion of loneliness appears in Nietzsche's writings related to a movement of opposition to the mutual dependence of the social component, especially when establishing a reflection that calls into question the foundations of morality.
Keywords: Nietzsche. Solitude. Philosophy. Reflection. Moral.

O termo solidão é constantemente utilizado para expressar um estado de isolamento que surge como antagonismo em relação aos desígnios de suposta normalidade responsável por enquadrar o indivíduo, de acordo com o que se espera dele na sociedade. Essa sensação de normalidade que reduz a solidão a um posicionamento de não enquadramento do indivíduo aos parâmetros se estabelece no processo de normatização de determinada cultura, tendo em vista a premissa que reconhece o homem como um animal essencialmente gregário. Esse reconhecimento se afirmou no decorrer da história da humanidade por conta de uma série de fatores que se constituíram conforme o desenvolvimento da espécie humana.

É possível apontar algumas possíveis relações da noção de solidão no que tange à reflexão de Nietzsche direcionada à tradição. Nos escritos de Nietzsche a noção de solidão não aparece estritamente como algo pejorativo, por indicar, da mesma forma que a condição gregária no processo de subsistência no interior da comunidade, algo inerente ao homem no que tange o seu estado privado, ou mesmo ao direcionar uma análise às hipóteses do que seria o seu estado natural. Indo na direção da noção de solidão podemos afirmar que não se identifica uma intenção solipsista na filosofia de Nietzsche, isso levando em conta o seu reconhecimento de estímulos externos, em contraposição a um postulado racionalista que supostamente significa o mundo somente a partir de estados internos da consciência. Há um reconhecimento de Nietzsche das implicações sensíveis, no sentido de reconhecimento das vivências, incluindo assim, as relações que se impõem ao indivíduo de maneira irrevogável. Sobre essa questão Oliveira afirma que:

> (...) seria a solidão em Nietzsche algo que se aproxima muito mais de um reconhecimento resultante da condição de libertação da coerção inferida pela tradição, a medida que somente através do distanciamento da coerção moral se poderia estabelecer a solidão, não mais sob a ótica da comunidade, mas como meta para construção de uma perspectiva própria (OLIVEIRA, 2010, p. 22).

A noção de solidão nos escritos Nietzsche aparece como algo muito mais perigoso do que um mero nome que utilizamos para classificar certo estado de espírito, isso se deve ao fato da solidão representar um elemento propedêutico para o movimento de inadequação frente à cristalização da moralidade vigente. Dessa forma, se segundo Nietzsche a moral, tal como ela se apresenta na história do Ocidente, seria responsável pelo esgotamento do indivíduo, consequentemente

a solidão seria irrevogavelmente o resultado do movimento que possibilitaria o desprendimento da influência das forças que atuam em favor de um "todo orgânico" sustentado pelo sentimento de pertencimento a sociedade que tem por premissa a instrumentalização do indivíduo. Com isso, o desprendimento do indivíduo e obtenção da grande liberação do espírito apenas é possível pela via do distanciamento resultante da inadequação dos pressupostos valorativos em que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, segundo Souza (2016, p. 34):

> (...) a noção de solidão seria entendida como um método para a afirmação da vida, aparecendo nos escritos de Nietzsche como resultado da contraposição à cristalização pretendida pela metafísica, uma vez que a moral dos costumes de origem socrático-platônica-cristã, foi responsável por ambicionar uma moral de valores universalmente válidos e perpétuos.

Portanto, será principalmente em relação ao problema da metafísica, responsável por cristalizar a moral do ocidente, e desconsiderar a mutabilidade das situações reais, que Nietzsche desdobra sua crítica situando sua tarefa como filósofo via reconhecimento da solidão como condição para uma reflexão que pretenda abandonar a superfície segura dos costumes, em busca de escavar o solo onde estão edificados os "majestosos edifícios da morai" (NIETZSCHE, 2004, p. 11). Assim sendo, ao abandonar o conformismo em relação à moral vigente, seria a solidão, algo que se apresenta na filosofia de Nietzsche como elemento necessário, podendo inclusive se estabelecer como propedêutica para toda a sua reflexão, principalmente a partir do período intermediário de seus escritos, na qual explicitamente se identifica uma cisão com um modo de se fazer filosofia.

Nietzsche se distancia de qualquer intenção de melhoramento moral, direcionando sua reflexão para um individualismo radical, que visa tornar-se aquilo que se é e, portanto, como reflexo de um “desengajamento moral" (OLIVEIRA, 2010, p. 26). Podemos constatar isso através da análise de Oliveira acerca da solidão em sua obra A solidão como virtude moral em Nietzsche. A solidão apresenta-se, assim, como um campo próprio no qual cada indivíduo se experimenta consigo mesmo. Trata-se da criação de uma pátria própria, na qual a ausência do outro preserva cada um da "contaminação" que toda a relação social produz (OLIVEIRA, 2010, p. 27).

Esse aspecto propedêutico da solidão no trabalho reflexivo do filósofo alemão aparece, sobretudo, a partir do chamado período intermediário de sua filosofia onde a

relação entre o espírito livre e a solidão explicitamente expressam uma cisão em sua filosofia. Essa transição que acontece na filosofia de Nietzsche nesse período de seus escritos tem como principais elementos o distanciamento do romantismo decadente de Richard Wagner, juntamente com o pessimismo de Arthur Schopenhauer. Como o próprio filósofo nos mostra, esse rompimento, somado a sua saúde debilitada, aparecem como o momento de uma crise em sua reflexão, mas também como despertar para uma nova aurora.

Por mais que a filosofia de Nietzsche seja classificada pelo próprio filósofo como resultado de uma auto-superação, a noção de solidão constitui o distanciamento necessário para qualquer reflexão que se desdobre a partir de uma inquietação ou suspeita resultante de um determinado sentimento mantenedor dos valores caros a um grande número de indivíduos, o que caracteriza qualquer trabalho que se oponha ao sentimento mantenedor da moral dos costumes como algo solitário, por justamente exigir o exame dos próprios mecanismos de conservação, no sentido de construir um solo próprio.

Podemos perceber que a noção de solidão aparece nos escritos de Nietzsche relacionada a um movimento de contraposição à dependência mútua do componente social, sobretudo ao estabelecer uma reflexão que põe em xeque os fundamentos da moral. Nietzsche abdica do ideal suprassensível em torno do processo valorativo que sustenta a moral do Ocidente visando assim, a auto-superação da moral como possibilidade de se libertar das amarras que aprisionam o indivíduo a um cânone valorativo. Isso se deve ao fato de que, por mais radical que pareça a crítica de Nietzsche, esta se apresenta de maneira original por tentar ir até onde ninguém havia se arriscado a ir até então, justamente por exigir um desprendimento muito mais perigoso e solitário da dependência coletiva buscando sua própria manhã, sua redenção, sua aurora (NIETZSCHE, 2004, p. 9).

A critica de Nietzsche se desenvolve, não no sentido de desconstruir a moral, mas como movimento de suspensão da noção de que o geral está sempre acima do individual (NIETZSCHE, 2004, p. 9), dessa forma, a solidão estaria situada como pressuposto necessário para experiência do humano consigo mesmo, contraposto ao sentimento mantenedor da moral dos costumes responsável pelo enfraquecimento do homem e suas potencialidades. Além disso, será através da noção de solidão que Nietzsche faz aparecer no cenário o experimento do humano consigo mesmo e, consequentemente, da

afirmação das "coisas humanas" como reconhecimento da impossibilidade histórica de se sustentar uma formulação universal e perpétua de valores que estabeleça uma duração permanente dos fatos.

Esse reconhecimento se formula com mais força nos escritos do terceiro período dos escritos de Nietzsche, desse modo:

> (...) a investigação genealógica dos sentimentos morais aparecerá como contraposição histórica da tentativa de se fundar valores universalmente válidos (...) a solidão representaria o reconhecimento de uma postulação que se dá sobre uma única perspectiva, em relação às diversas perspectivas que poderiam aparecer no decorrer da história, e segundo as suas exigências específicas (OLIVEIRA, 2010, p. 25).

Além disso, a noção de solidão em Nietzsche aparece como reflexo de um compromisso com os eventos de um determinado tempo histórico, na medida em que permite examiná-lo não mais a partir de uma ótica fundamentalista, mas sim através de um modo mesmo de ser no mundo que se apresenta ao indivíduo. Ou seja, a solidão seria a condição irrevogável daquele que sai da superfície valorativa da moral, para adentrar em ambiente hostil e nada reconfortante em busca dos fundamentos que sustentam nossos valores mais caros. Diante disto, observa-se que a solidão em Nietzsche, não é reduzida a um mero distanciamento físico, podendo o indivíduo, mesmo em meio à multidão se sentir sozinho e inadequado às condições em que se encontra submetido.

A solidão se apresenta na filosofia de Nietzsche como propedêutica para a tarefa do espírito livre. No entanto, esta constatação não reduz a solidão a um estado de isolamento e ausência de interação com o ambiente social. O que se pode observar na análise de Nietzsche acerca da solidão, se apresenta muito mais como uma necessidade de revigoramento e retorno às questões do âmbito humano, do que uma mera expressão de descontentamento e ausência de objetivo. Sobre isso Oliveira afirma que:

> Na perspectiva nietzschiana as questões humanas estariam encobertas por um entusiasmo coletivo, tendo como pano de fundo um determinado aparato moralizante responsável pela massificação do pensamento, via os idealismos do contexto histórico em questão que fizeram do homem parte constituinte de um único organismo movido pelo objetivo comum (OLIVEIRA, 2010, p. 28).

A análise da noção de solidão pretende reconhecer a experiência do humano consigo mesmo e como isso ocorre, sobretudo, a partir da obra Humano, demasiado humano, na qual

Nietzsche propõe o movimento de inversão hierárquica que se apresenta como empreendimento filosófico neste momento. Como podemos ver nesta passagem de Humano, demasiado humano:

> (...) Se por um longo tempo ele mal ousou perguntar, por que tão a parte? Tão solitário? renunciando a tudo o que venerei? Renunciando a própria veneração? Por que essa dureza, essa suspeita, esse ódio às suas próprias virtudes? - agora ele ousa perguntar isso em Voz alta e ouve algo que seria uma resposta. Você deve tornar-se senhor de si mesmo, senhor também de suas próprias virtudes. Antes eram elas os senhores, mas não podem ser mais que seus instrumentos, ao fado de outros instrumentos. Você deve ter domínio sobre o seu pró e o seu contra, e aprender a mostrá-lo e a novamente guardá-lo de acordo com seus fins (...) você deve olhar com seus olhos o problema da hierarquia, e como poder, direito e amplidão das perspectivas crescem conjuntamente às alturas (...) (NIETZSCHE, 2004, p. 12-13).

Além da inversão hierárquica Nietzsche nos apresenta alguns indicativos que qualificariam seus próprios escritos como resultado de um exame emergencial dos mecanismos responsáveis pela identidade cultural de seu contexto, mostrando assim, a solidão como resultado de um distanciamento, via o seu Pathos de distância, apontado nessa proposta como um sentimento de distância via uma exigência que está além de uma compreensão descritiva racional sendo, portanto, uma postura extremamente passional pela solidão, já que este sentimento se impõe no decorrer dos desdobramentos de uma vivência específica, como resultado de um processo gradual de inadequação que dá a solidão um status revigorador.

Em vista desse posicionamento se estabelece uma forte relação com a solidão nos escritos do filósofo alemão, sobretudo, pelos adjetivos que o próprio Nietzsche emprega para si mesmo e para designar o teor crítico de suas obras. Nietzsche utiliza termos como: imoral, amoral, extemporâneo, póstumo e subterrâneo, esses adjetivos se apresentam como reflexo do direcionamento radical de seus escritos frente ao processo crescente de decadência do indivíduo que tem como horizonte crítico a reflexão acerca da origem dos nossos juízos morais (OLIVEIRA, 2010, p. 35). Esse posicionamento que poderia soar em um primeiro momento “radical” se deve ao fato de que o filósofo alemão pretende escavar todo o solo firme que sustenta a moralidade dos costumes para então, por meio de uma reorganização hierárquica que se apresenta como reflexo do comprometimento de Nietzsche com os eventos de seu tempo.

Desse modo, a noção de solidão sob a ótica moral valorativa se apresenta como

HARVARD Dataverse

[redacted]

resultado do pensamento classificado como “radical", o que diferentemente, na compreensão de Nietzsche, proporciona uma nova organização hierárquica singular permitindo que o indivíduo se coloque à distância da massa, valorizando uma postura individualista e de historicidade própria em relação aos desígnios morais, esse posicionamento, á medida que posto em prática, passaria pelo exame dos mecanismos de perpetuação da moral dos costumes, o que colocaria em xeque a conformidade com certo estatuto normativo irredutível que supostamente sustente a finalidade da vida, enquanto compreensão moral da ação.

Essa moralidade, não tendo legitimidade se relaciona a noção de solidão como elemento propedêutico no trabalho filosófico de Nietzsche, e também, como característica de qualquer reflexão ou agir que se manifeste a partir de uma posição de não conformidade com o paradigma vigente, então a solidão está irrevogavelmente vinculada ao livre curso da ação do individuo, em contraposição ao desenvolvimento comunal defendido pelo sentimento gregário que presa essencialmente pela conservação do todo, em detrimento da parte, utilizando-se de mecanismos valorativos racionalmente cristalizados que supostamente se apresentam como possibilidade de descrever nossas vivências. Dessa forma, a solidão no sentido de resultado de um reconhecimento das ameaças gregárias, estaria presente, não apenas como desdobramento racional da inadequação do individuo, mas também como resultado de exigências fisiológicas (VIESENTEINER, 2009), ou seja, como necessidade irrevogável de um modo de ser no mundo que escapa a todo instante a uma possível previsão racional da ação. Isso se deve ao fato de que a solidão, como inadequação ao determinismo gregário, está irrevogavelmente associada às vivências especificas do indivíduo, sendo, portanto, o resultado gradual de um modo mesmo de ser no mundo (VIESENTEINER, 2009, p. 154).

A partir do que foi exposto podemos perceber que Nietzsche confere à solidão um status de virtude revigoradora, no sentido de algo adquirido através da experiência e suas implicações para o indivíduo, o que se apresenta como o objetivo de manter-se longe do embuste moral que a vida social gregária pode nos apresentar objetivando a afirmação da vida em sua multiplicidade.

HARVARD Dataverse

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano demasiado humano. Um livro para espíritos livres.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, Jelson de. **A solidão como virtude moral em Nietzsche**. Editora Curitiba: Champagnat, 2010.

SOUSA, Erica Costa. **Nietzsche: para uma ética da afirmação da vida.** CRV: São Paulo, 2016.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos.** Campinas, SP: 2009.